



BREVES COMPARAÇÕES ENTRE ARENDT, HUXLEY E ORWELL

Claudio SEHNEM¹

Resumo:

BREVES COMPARAÇÕES ENTRE ARENDT, HUXLEY E ORWELL. O objetivo deste texto é trazer à luz algumas comparações entre certas reflexões acerca do totalitarismo e da condição humana devastada por sua ideologia do terror, que surgem na obra de Hannah Arendt, e os dois mundos imaginários de Admirável Mundo Novo e 1984, de Aldous Huxley e George Orwell respectivamente.

Palavras-chave: Totalitarismo. Terror. Política

Abstract:

BRIEF COMPARISON BETWEEN ARENDT, HUXLEY AND ORWELL. The purpose of this paper is to bring to light some comparisons between certain reflections on totalitarianism and the human condition devastated by its terror ideology, which arise in the work of Hannah Arendt, and the two imaginary worlds of Brave New World and 1984, Aldous Huxley and George Orwell respectively.

Keywords: Totalitarianism. Terror. Policy.

“Por isto diz-se de maneira totalmente correta: «quem quer enganar os homens precisa antes de tudo tornar o absurdo plausível”

Goethe

Alguns exemplos impressionantes e talvez não completamente ficcionais da insegurança e da futilidade da existência humana perpetrado pelo esquecimento da tradição e marcada pelo conceito de sociedade fornecido por Hannah Arendt podemos encontrar em

¹ Professor de Filosofia nas Faculdades Santa Cruz de Curitiba. Cursa Doutorado em Filosofia na Universidade de Campinas, possui Mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo e Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Suas pesquisas são nas áreas de Filosofia Moderna (Kant) e Filosofia Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: política, educação, ideologia, tradição, social e imaginação. E-mail: anfibolia@gmail.com.

obras como *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley ou ainda, de modo mais terrível, no super-totalitarismo imaginado por George Orwell no triste 1984.

Em primeiro lugar, sabemos o que é que Hannah Arendt entende por sociedade. Para ela

“o que chamamos de sociedade é o conjunto de famílias economicamente organizadas de modo a constituírem o fac-símile de uma única família sobre-humana” (ARENDR, 2004a, p. 38).

A transposição dos muros que impediam as luzes da publicidade de invadirem o âmbito da oikia, da casa, às expensas da política e das ações que lhe dão fundamento, fez com que as necessidades, antes restritas à escuridão privada se tornassem de fato um assunto político-público, subvertendo não apenas a atividade da fabricação (*work*), cujo resultado era a estabilização do mundo pela durabilidade de seus produtos, mas também a da ação, atividade política por excelência, garantidora do espaço público da liberdade².

De outro lado, a imposição de uma ideologia, cuja lógica inerente manifesta o desprezo à toda opinião, à toda *doxa*, e por conseguinte, a todo exercício de persuasão e de convencimento que sempre caracterizou as ações políticas livres, como aquelas dentre os gregos em seu período democrático e os romanos republicanos. Hegel dá uma amostra deste desprezo:

“Uma opinião é uma representação subjetiva, um pensamento qualquer, uma imaginação, que eu posso fazer assim ou assim, e um outro de outra maneira; uma opinião (*Meinung*) é minha (*mein*), não é um pensamento em si universal, que é em e para si” (HEGEL, 1995, p. 56).

Nos primeiro dos livros, de Aldous Huxley, o que se mostra é uma sociedade que sugere em suas estruturas uma correspondência ao livro VI da *República* de Platão, como por exemplo: na polis platônica as noções de parentesco são completamente abolidas em nome de uma comunidade ideal onde a possibilidade de que alguém mate ou fira seu próprio pai ou mãe impede que os cidadãos cometam atos nocivos contra seus próximos, abolindo qualquer laço familiar tradicional e transferindo para o âmbito público as relações de parentesco antes restritas ao âmbito econômico da família.

O que se encontra, tanto na obra de Huxley quanto no livro VI da *República*, e também nas experiências concretas dos regimes totalitários, é a rejeição completa de qualquer laço com o passado e a vivência puramente corporal do presente, quando pai e mãe são conceitos injuriosos e quando tudo o que é feito pelos homens deve ser em função da sociedade, ou comparativamente ao modo real, pela submissão de todos a um conceito biologicamente determinado de raça ou de classe. A inexistência de laços com o passado é retratada ainda pelo fato de que os homens são literalmente produtos fabricados e condicionados em seus estágios embrionários a serem tipos determinados e classificados, de acordo com alguma atividade que

² “A fabricação distingue-se da ação porquanto possui um início definido e um fim previsível: ela chega a um fim com seu produto final, que não só sobrevive à atividade de fabricação como daí em diante tem uma espécie de vida própria. A ação, ao contrario, como os gregos foram os primeiros a descobrir, é em si e por si absolutamente fútil; nunca deixa um produto final atrás de si” (ARENDR, 2003, p. 91).

se lhes queira atribuir. Classes A, B, C, etc, classificadas de acordo com sua formação biológica, submetidas durante o processo de fabricação a produtos químicos condizentes com o tipo de homem que se deseja fabricar (hoje se faria manipulação genética). Como consequência desta extrema organização, diz Huxley,

“a organização excessiva transforma homens e mulheres em autômatos, sufoca o espírito criador e suprime a mesma possibilidade da liberdade” (HUXLEY, 1998, p. 30).

É um totalitarismo mais brando, diz Huxley, do que o imaginado por Orwell em 1948. Mas nem por isso menos preocupante. Pode-se dizer que no mundo imaginado por Huxley as pessoas são de fato felizes, sobretudo se nós nos lembrarmos de Kant, para quem a felicidade nada mais é do que a satisfação das inclinações. Essa felicidade é satisfeita e manipulada pelo governo totalitário através do incentivo à promiscuidade, pelo fornecimento periódico da *soma*, uma droga perfeita que os habitantes do Mundo Novo utilizam quanto estão entediados, e da propaganda incessante que apela diretamente às condições psicológicas dos homens. Sobre esta última é interessante ver como Hitler a manejava com «*uma lucidez dura e cínica*» (HUXLEY, 1998, p. 47):

“...o organizador deve ser em primeiro lugar um conhecedor da psicologia popular. Deve ver os homens como eles são na realidade. Não lhes deve dar demasiada importância nem depreciá-los no meio da massa. Ao contrário, deve ter em conta a sua fraqueza como o seu aspecto instintivo, para tomando em consideração todos os fatores, organizar uma força capaz de sustentar uma idéia e de garantir o sucesso” (HITLER, 1983, p. 361).

Mundo semelhante, porém ainda mais terrível e sombrio, é o descrito por George Orwell em 1984. Num planeta dividido em três grandes super-estados, os homens simplesmente não possuem passado. Tudo o que é escrito ou registrado é simplesmente falsificado, sem que haja qualquer motivo aparente para isso. Para dar conta de uma realidade constantemente ignorada, uma linguagem surge para simplificar o funcionamento dos conceitos e para abarcar as contradições visíveis entre o discurso e a realidade material, limitando assim a amplitude do discurso e impossibilitando a intercomunicação entre os homens. Não é a matéria nem a realidade que importa para aqueles que detêm o poder, mas apenas o pensamento, que pode ser torcido até mesmo para fazer com que se acredite que $2 + 2 = 5$. A ausência da regularidade dada pela razão – como se de fato houvesse um gênio maligno nos enganando – regularidade instituída por leis do próprio pensamento, torna a existência simplesmente insuportável, na medida em que o passado é absolutamente inexistente em termos reais e o futuro é portanto rigorosamente impossível. A torção do próprio pensar realizada pela tortura mais cruel, é a representação mais aterradora da tecnificação do pensamento, criticada por Heidegger e de modo semelhante, porém bastante original, pela própria Hannah Arendt, em sua demonstração, em *A Condição Humana*, de como a razão se torna meramente um instrumento a serviço do chamado animal *laborans*:

“Ao perder a certeza de um mundo futuro, o homem moderno foi arremessado para dentro de si mesmo, e não de encontro ao mundo que o rodeava; longe de crer que este mundo fosse potencialmente imortal, ele não estava sequer seguro de que fosse real” (ARENDR, 2004a, p. 334).

No super-estado da Oceania, essa insegurança do homem diante de uma realidade desprovida de qualquer significado é o resultado da inversão dos valores básicos da própria humanidade, valores da própria condição humana, exemplificados nos ministérios em questão: o Ministério da Verdade, que criava a mentira tornada verdadeira; o Ministério do Amor, responsável pela espionagem; o Ministério da Fartura, que mantinha as massas em uma fome permanente; e o Ministério da Paz que coordenava o permanente estado de guerra. Esses elementos: a mentira, a fome, o ódio que fomenta o denunciamento gratuito e a guerra permanente são mais algumas das características que, reunidas, constituem o terror totalitário. Guerra permanente, sem objetivo e sem inimigo concreto, que serve apenas para destruir o mundo e desestabilizar a existência das pessoas e a sua percepção da realidade. É impossível em um mundo permanentemente em guerra ter qualquer noção do passado, porque este, tendo sido destruído não apenas fisicamente, mas, sobretudo, retirado deliberadamente da memória escrita nos livros, nas revistas, etc. simplesmente torna-se vago, fugidio, insuficiente para se construir não apenas um caminho para o futuro, mas o próprio presente se torna fútil e desprovido de valor. Assim é impossível julgar se os tempos de escassez em que se vive são melhores ou piores do que antes. A guerra permanente enseja o ódio permanente que, canalizado em sessões diárias de «minutos de ódio» ou em festivais como a «semana do ódio», davam vazão ao desejo sexual reprimido pelo Partido, que tolerava o sexo, ao contrário do Mundo Novo, apenas como fins reprodutivos. Com relação ao ódio instilado entre os membros da mesma sociedade Hannah Arendt diz:

“Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas. O conceito de inimizade é substituído pelo conceito de conspiração, e isso produz uma mentalidade na qual já não se experimenta e se compreende a realidade em seus próprios termos – a verdadeira inimizade ou a verdadeira amizade – mas automaticamente se presume que ela significa outra coisa” (ARENDR, 2004b, p. 523).

E com relação à repressão sexual, ela encontra sua justificativa no fato de que o movimento do terror total

“pode ser retardado, e é retardado quase inevitavelmente pela liberdade do homem; nem mesmo os governantes totalitários podem negar essa liberdade – por mais irrelevante e arbitrária que lhes pareça – porque ela equivale ao fato de que os homens nascem e que, portanto, cada um deles é um novo começo, e em certo sentido, o início de um mundo novo. Do ponto de vista totalitário, o fato de que os homens nascem e morrem não pode ser senão um modo aborrecido de interferir com forças superiores” (ARENDR, 2004b, p. 518).

Com estes elementos encontrados nas ficções de Aldous Huxley e George Orwell, pode-se observar, não sem um misto de indignação e preocupação, que o que eles nos revelam não é apenas o quanto a obra de Hannah Arendt é atual e importante, mas principalmente que os elementos que caracterizam os regimes totalitários se encontram absolutamente presentes na vida ocidental cotidiana. O desrespeito pela autoridade e pela tradição, a propaganda psicológica, a guerra permanente e as estruturas supra-partidárias que por vezes arvoreiam-se nos mecanismos dos estados são uma constante em dias atuais e constituem de fato a própria sociedade contemporânea, que inegavelmente tem em sua constituição boa parte dos elementos apontados pela autora de *As Origens do Totalitarismo*, uma sociedade tão ciosa de sua preocupação com a vida e portanto com tudo que diga respeito à sua manipulação.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, H. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2002.
- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva. 2003.
- ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004a.
- ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia. das Letras. 2004b.
- GOETHE, J. W. **Máximas e reflexões**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2003.
- HEGEL, G. W. F. **Introdução às lições sobre história da filosofia**. Porto Editora: Porto. 1995.
- HEIDEGGER, M. **Platons Lehre von der Wahrheit. Mit einem Brief über den «Humanismus»**. Bern: Francke Verlag. 1954.
- HITLER, A. **Minha luta**. São Paulo: Editora Moraes. 1983.
- HUXLEY, A. **Nueva visita a um mundo feliz**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1998.
- HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo. 2003.
- ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Nacional. 2003.
- PLATÃO. **A república**. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 2001.
- SEHNEM, C. **Lógica, política e ideologia em Hannah Arendt**. In: Cadernos PET-Filosofia vol. 8. (UFPR). 2006.